



Um Estudo Das Fontes Do *Profissão Repórter*¹

Isabela Oliveira dos REIS²
Ivete Cardoso do Carmo ROLDÃO³
Júlio César MANGUSSI⁴
Lígia Camargo ANTONIAZZI⁵
Marina Fonseca GIMENES⁶
Thaís Renata Inocência da SILVA⁷

Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas – SP

RESUMO

Este trabalho tem o objetivo de estudar três edições do programa televisivo *Profissão Repórter* da Rede Globo de Comunicações, do ano de 2010, partindo-se da hipótese de que as fontes são apresentadas em formato inovador. O critério de seleção das edições se deu pela diversificação dos temas e pela repercussão que alcançaram na mídia. Utilizamos como metodologia de pesquisa a revisão bibliográfica sobre a importância e classificação de fontes. Para a coleta de dados utilizamos instrumentos de observação direta em uma reunião de pauta do programa para conhecermos os critérios de seleção de fontes, criação de pautas e, entrevista com o jornalista Caco Barcellos. Para tratamento dos dados foram transcritas e analisadas as edições dos programas selecionados. Concluímos que o diferencial está na abordagem humanizada e no protagonismo que as fontes assumem.

PALAVRAS-CHAVE: Reportagem Especial; Fontes; *Profissão Repórter*.

¹ O trabalho apresentado ao Intercom Júnior, na Divisão Temática de Jornalismo do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação realizado de 02 a 06 de setembro de 2011. O presente artigo tem como base a elaboração de pesquisa monográfica apresentada à disciplina de Pesquisa Aplicada em Jornalismo, da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas), no ano de 2011.

² Estudante de graduação do 6º semestre de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo – da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas), email: isabela.oliveira.reis@hotmail.com

³ Orientadora do trabalho. Professora da Faculdade de Jornalismo da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas), email: carmo-roldao@puc-campinas.edu.br

⁴ Estudante de graduação do 6º semestre de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo – da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas), email: julio_mangussi@hotmail.com

⁵ Estudante de graduação do 6º semestre de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo – da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas), email: li_antoniazzi@hotmail.com

⁶ Estudante de graduação do 6º semestre de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo – da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas), email: marina_gimenes@yahoo.com.br

⁷ Estudante de graduação do 6º semestre de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo – da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas), email: tha.inocencia@gmail.com



Introdução

O programa *Profissão Repórter* foi criado originalmente como um projeto especial do Globo Repórter⁸, no ano de 2006. Nesse mesmo ano se tornou um quadro do Fantástico⁹, em que exibiu 48 reportagens especiais, durante dois anos. Aos poucos foi ganhando espaço na emissora e a partir de junho de 2008, tornou-se um programa independente. Atualmente é exibido nas noites de terça-feira, pela Rede Globo e conta com Caco Barcellos no comando de jovens jornalistas, que participam de todas as etapas do programa: da produção das pautas a edição das matérias.

O programa *Profissão Repórter* é classificado dentro da categoria de reportagem especial que “nos permite aprofundar assuntos de interesse público, que podem estar retratados em uma única reportagem ou em uma série”. (CARVALHO *et al* 2010, p.21). Idealizado pelo jornalista Caco Barcellos, com direção de Marcel Souto Maior, a apresentação do programa é feita diretamente das ruas, ao lado de nove repórteres que compõem a equipe.

Este trabalho foi desenvolvido com o objetivo de fazer um estudo das fontes do programa. Para isso partimos da hipótese de que estas são diversificadas e apresentadas de forma diferenciada, pois aborda os mais variados tipos e perfis de personagens, dando um caráter inovador na televisão. O principal objetivo foi buscar de que forma as fontes são apresentadas: definir e caracterizá-las segundo a classificação de Nilson Lage (2008) e identificar como são decididas as pautas e as fontes do programa. Este trabalho é importante por discutir a questão da pluralização das fontes e a importância disso hoje na reportagem especial, contribuindo assim para a distribuição democrática da informação (MEDINA, 2008).

A pesquisa adotou uma metodologia híbrida com a associação de pesquisa bibliográfica e observação direta do programa. Para a observação direta foram escolhidas e transcritas na íntegra, três edições do ano de 2010: “Chuvas no Nordeste”, do dia 29 de junho, Festival de música “SWU”¹⁰, do dia 13 de outubro e “BOPE”¹¹, do dia 21 de dezembro. Esses programas foram escolhidos por apresentarem temas diversificados e pela grande repercussão que alcançaram na mídia. Posteriormente foi analisada a forma como as fontes foram

⁸ Globo Repórter programa semanal da Rede Globo que vai ao ar nas noites de sexta-feira a partir das 22h00.

⁹ Fantástico programa semanal da Rede Globo que vai ao ar nas noites de domingo a partir das 20h45.

¹⁰ Festival SWU abreviação para Start With You, ocorreu na cidade de Itu, no interior de São Paulo entre os dias 9/10/11 de outubro de 2010.

¹¹ Batalhão de Operações Policiais Especiais.



apresentadas, considerando o tempo destinado a cada uma delas, em que circunstância e local foram ouvidas, o que representam, o que disseram e como foram confrontadas.

A partir daí as fontes usadas em cada reportagem exibida no programa foram definidas e caracterizadas segundo a classificação proposta por Nilson Lage (2008). Acompanhamos também uma reunião de pauta do programa para conhecermos os critérios de seleção de fontes e criação de pautas. Entrevistamos, o jornalista Caco Barcellos¹², idealizador do programa, para saber sobre a criação do mesmo e tirar dúvidas sobre as pautas e fontes. Segundo Lakatos e Marconi (2008, p.80) “a entrevista é um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional.” Este procedimento é usado para a coleta de dados, ajuda no diagnóstico ou no tratamento de um problema social (LAKATOS e MARCONI, 2008).

Para este trabalho utilizamos a entrevista aberta, que é exploratória e reflexiva, “não havendo seqüência predeterminada de questões ou parâmetros de resposta” (BARROS; DUARTE, 2009, p.65). Esse tipo de entrevista abrange temas amplos, sendo conduzida pelo entrevistador, na qual a resposta obtida pode gerar uma nova pergunta.

A partir desta pesquisa foi desenvolvida uma monografia que serviu como base para este artigo.

Fontes No Jornalismo

As fontes no jornalismo são imprescindíveis na apresentação de um fato ou tema. Segundo Marques de Melo, “o manejo das fontes tem importância decisiva na orientação dos fatos a serem noticiados e comentados” (2003, p. 83). E se as fontes são importantes hoje, no início das atividades jornalísticas seu papel era crucial. Vivia-se na era do chamado jornalismo de transmissão, em que os profissionais da área tinham a função de “transmitir as informações das fontes diretamente ao seu público, sem alterar o conteúdo” (SCHMITZ, 2010, p.1). Entretanto, não havia como garantir a credibilidade da notícia, já que o processo de apuração consistia exclusivamente no relato do entrevistado, e “fontes podem mentir” (LAGE, 2008, p.54).

O jornalismo baseado na busca da verdade, tal qual é hoje, só veio a surgir no século XIX, importado dos Estados Unidos, onde nasceu o jornalismo de informação. Este é

¹² Entrevista com o jornalista Caco Barcellos e com os repórteres e editores do programa *Profissão Repórter* feita pelo grupo no dia 09 de maio de 2011

representado pela “imposição de um método projetado para um mundo no qual nem os fatos poderiam ser confiáveis” (SCHUDSON, 2010 *apud* SCHMITZ, 2010, p.144), ou seja, o jornalista deve apurar todo e qualquer fato, inclusive o que diz a fonte.

Ainda assim, não há fato sem fonte, sobretudo porque “poucas matérias jornalísticas originam-se integralmente da observação direta” do repórter (LAGE, 2008, p.49). Ainda segundo Nilson Lage (2008, p.49), “é tarefa comum dos repórteres selecionar e questionar essas fontes, colher dados e depoimentos, situá-los em algum contexto e processá-los segundo técnicas jornalísticas”.

Além disso, o jornalismo tem, entre seus muitos objetivos, o de trazer à tona a pluralidade de vozes, como destaca Medina (2008). A autora critica a unilateralidade da informação e o autoritarismo institucional, caracterizados por entrevistas apenas com fontes oficiais e de poder, eliminando a possibilidade do plurólogo, ou seja, do diálogo democrático.

Desse modo, o principal objetivo deste trabalho é definir e caracterizar as fontes do *Profissão Repórter*, a fim de descobrir em que medida o programa trabalha com fontes diferenciadas.

Para tanto, tomamos como base a classificação de Nilson Lage (2008). De acordo com este autor, fontes são “instituições ou personagens que testemunham ou participam de eventos de interesse público” (LAGE, 2008, p.49).

Segundo ele, as fontes classificam-se em:

a) *Oficiais*: mantidas pelo Estado, por instituições que preservam algum poder de Estado, e por empresas e organizações. É comumente tida como a mais confiável e, por vezes, não é questionada, o que é um erro. Fontes oficiais podem falsear a realidade a fim de atender interesses políticos e econômicos.

b) *Oficiosas*: são ligadas a uma entidade ou indivíduo, mas não estão autorizadas a falar em nome dela ou dele, o que significa que o que disserem poderá ser desmentido. São, às vezes, protegidas pelo anonimato, principalmente no que diz respeito à denúncias. Podem ser preciosas no que tange informações das quais só elas tem acesso, mas também podem veicular boatos.

c) *Independentes*: desvinculadas de uma relação de poder ou interesse específico em cada caso, e falam sobre si mesmas.

O autor ainda divide as fontes em:

d) *Primárias*: aquelas em que o jornalista se baseia para colher o essencial de uma matéria, ou seja, as que fornecem fatos, versões e números.



e) *Secundárias*: as que são consultadas para a preparação de uma pauta ou construção do contexto, o que permite aprofundar questionamentos e encontrar novos enfoques para a matéria.

Por fim, classifica-as também em:

f) *Testemunhas*: que participaram ou presenciaram o fato e acabam por conferir um depoimento colorido pela emotividade e modificado pela perspectiva. De um modo geral, o testemunho imediato é tido como o mais confiável, pois se apóia na memória de curto prazo.

Cruzar informações de duas ou mais testemunhas é uma boa maneira de conferir a veracidade do relato.

g) *Experts*: geralmente fontes secundárias, procuradas em busca de versões ou de interpretações de eventos. Nesse caso, é conveniente variar os especialistas ouvidos, para que se tenha, também, variadas interpretações.

À classificação de Lage, tomamos a liberdade de agregar dois tipos de fonte: *povo fala* e *personagem* características do telejornalismo. Classificamos como *povo fala* quando as fontes apresentam uma opinião de forma sucinta sobre determinado assunto, opinião esta de função complementar, não essencial à construção da reportagem. O *povo fala* é apresentado através de entrevistas com várias pessoas, cujas respostas são frases curtas¹³. Já a *personagem*, fonte muito explorada no gênero televisivo, é aquela que conta sua própria história. Nesse ponto, há uma aproximação entre drama e notícia, como aponta Iluska Coutinho (2006), em que a narrativa jornalística se apóia na dramaturgia no que tange a apresentação de um fato através das ações humanas e cotidianas.

Uma Inovação No Jornalismo: O Profissão Repórter

Os temas exibidos pelo programa *Profissão Repórter* são diferentes a cada semana e podem repercutir fatos importantes que ocorreram recentemente, ou apresentar assuntos de interesse público, porém não factuais. O programa é constituído por três reportagens relacionadas entre si por um mesmo tema, o que possibilita que o assunto seja discutido de forma mais ampla. Vale ressaltar que elas não seguem uma ordem de apresentação, mas se intercalam durante todo o programa.

¹³ Informação retirada do Glossário de Telejornalismo da Universidade Metodista de São Paulo. Disponível em: <http://jornal.metodista.br/tele/manual/glossario.htm> Acesso em: 16 maio 2011.

Cutait (2006), em artigo para o site Observatório da Imprensa¹⁴, descreve o *Profissão Repórter*: “O apresentador é o mesmo. As pautas são as de sempre. Mas, os repórteres são novos e os ângulos são inéditos”. Segundo Arantes e Musse (2010), o *Profissão Repórter* é tido como inovador por várias características, a primeira delas é a seleção de jornalistas recém-formados que “deve-se ao objetivo do programa em servir como uma espécie de „treinamento“ para os jornalistas, desafiando-os a superar obstáculos” (p.7).

Bastian e Klein (2007) explicam que segundo Caco Barcellos (em entrevista a Serginho Groisman em 2008), o objetivo era “resgatar o lugar do repórter num contexto de formação universitária para âncoras de bancada” (p.3). Essa equipe de jovens jornalistas se divide para buscar os diversos ângulos da notícia, “tem-se um mês ou mais para acompanhar algum entrevistado” (KARAM e SANTOS, 2009, p.3)

Outra característica, e talvez a principal, é explícita no slogan do programa: “Os bastidores da notícia. Os desafios da reportagem”, seu modo de produção tem o objetivo de mostrar como a matéria é feita (KARAM e SANTOS, 2009). É mostrado como se produz a notícia, com quais condições e por quais dificuldades os repórteres passam (BASTIAN e KLEIN, 2007). Quando o programa fala de si próprio e “relata as condições de apresentação do mundo, ao invés de apresentar o mundo como quer que ele seja visto” (BASTIAN e KLEIN, 2007, p.2) apresenta a característica de auto-referencialidade, típica da midiaticização. Essa característica muda o conceito de informação, já que o mais importante não é o que se mostra, mas, como se mostra.

A pergunta que Caco faz no começo do programa “será que eles vão conseguir?” indica que o “o programa pretende que se veja nele: a ação dos repórteres, mais do que as notícias” (BASTIAN e KLEIN, 2007, p.4). O que se vê não é a reportagem em si, mas o discurso sobre o que é a reportagem para o *Profissão Repórter*. Quando os bastidores são apresentados causa a impressão de desconstrução da reportagem, nesse contexto, os jornalistas se tornam protagonistas e a reportagem fato. A presença do repórter é explorada como estratégia de autenticidade, mostrando-se as dificuldades dos jornalistas em conseguir contar o fato (BASTIAN e KLEIN, 2007). Essas dificuldades aproximam o repórter do público e exalta o trabalho do jornalista, que se mostra de forma subjetiva, com um comportamento mais humano. Essa narrativa, mostrando os bastidores, difere-se do jornalismo tradicional factual em que só a notícia, o fato tem valor (ARANTES e MUSSE, 2010). Caco Barcellos afirma que os jornalistas não são personagens do

¹⁴ Artigo disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos.asp?Cod=388TVQ001> . Acesso em 07 abril de 2011.

programa, que os bastidores são mostrados para complementar a reportagem, já que ele mostra muita coisa¹⁵.

A forma de gravação do programa também é um diferencial. São utilizadas duas câmeras, uma profissional e uma portátil manuseada pelo próprio repórter durante a reportagem, ela “é guiada pelos instintos e emoções do cinegrafista amador” (ARANTES e MUSSE, 2010, p.8). o que contribui para que a mensagem seja passada de forma mais real e próxima ao que é encontrado no local. Ainda segundo esses autores, as imagens captadas pela câmera portátil “possuem imediatismo, transmitindo ao telespectador uma sensação de telepresença, ou seja, como se ele estivesse testemunhando a cena” (p.8). Tal observação é complementada por Bastian e Klein (2007, p.12):

Mostrar como se filma, como se produz uma reportagem, como se faz uma entrevista, pode ser uma forma de naturalizar, por meio da discussão e desmontagem, o lugar do jornalismo como protagonista do ato de contar a atualidade. Pode ser uma forma de restabelecer o vínculo de confiança, neste caso, na capacidade do jornalista de investigar, de checar e, mesmo sendo susceptível de erros, de fazer o possível para levar a informação mais clara para o leitor.

Devido a essas duas câmeras as imagens do *Profissão Repórter* possuem ângulos diferenciados, também resultado da edição que é feita como “se fosse um trabalho de recorte e colagem” (BASTIAN e KLEIN, 2007, p.5), e essa é exatamente a idéia que se pretende passar. A montagem do programa combina paralelamente os resultados das reportagens. A fragmentação em planos mais curtos passa a ideia de movimento, rapidez e agilidade às histórias. Karam e Santos (2009, p.4) afirmam que a montagem do programa segue os padrões do Novo Jornalismo proposto por Tom Wolf:

a) construção cena a cena, como no cinema; b) o uso de diálogos completos; c) o ponto de vista da terceira pessoa, apresentando a cena por intermédio dos olhos de um personagem particular; d) o registro dos gestos, dos hábitos, maneiras, costumes, estilos de mobília, como se comportam com as outras pessoas, etc.

Os personagens das reportagens sempre são modelos singulares com uma perspectiva universal, apresentados de forma realista, como um melodrama, o lado comum das fontes é valorizado. O objetivo disso é “criar uma identificação com os telespectadores” (SANTOS e KARAM, 2009, p.5). Arantes e Musse (2010) denominam essa forma de apresentação da fonte de personificação, usada para que ocorra uma proximidade com o público.

¹⁵ Entrevista feita com Caco Barcellos pelo grupo, no dia 09 de maio de 2011.



Quanto à caracterizar o *Profissão Repórter* como um novo formato de programa de **jornalismo investigativo** (grifo nosso) não se pode afirmar muita coisa, já que foi encontrado pouco material sobre o assunto. Corteze e Santos (2010) afirmam que muitas reportagens do programa são investigativas, mas não se pode generalizar. Pode-se considerar investigativa aquela que apresenta levantamento e checagem “de informações relevantes e que contribuem para esclarecer situações que não tiveram desfecho ou são desconhecidas pelo público, embora de interesse da sociedade” (CORTEZE e SANTOS, 2010, p16). O próprio Caco Barcellos afirma que o programa não é investigativo, que a função é mostrar as várias versões do mesmo fato¹⁶.

As Fontes Do Programa

As fontes ouvidas pelo programa merecem destaque especial por contribuírem com a proposta diferenciada, mantida pelo programa. O tempo destinado às fontes, o que elas representam no contexto, a maneira como são abordadas e depois apresentadas são pontos relevantes e indispensáveis quando pretende-se discutir o formato diferenciado do programa.

No *Profissão Repórter*, as fontes são muitas vezes abordadas no local onde o fato aconteceu, sem agendamento prévio, dessa forma são mais espontâneas e “verdadeiras” em seus depoimentos, permitindo ao telespectador experimentar, mesmo que por pouco tempo, os sentimentos que a envolvem, no momento em que conta sua história, o que contribui para aumentar a veracidade e intensificar aquilo que se pretende passar.

No caso da edição exibida no dia 29 de junho de 2010, que tinha como tema as chuvas no Nordeste, o local em que as entrevistas foram feitas foi predominante em torno das ruas das cidades arrasadas pelas chuvas. Em uma das reportagens dois repórteres utilizam as fontes para fazer uma espécie de reconstituição do que era e de como ficou as cidades após as enchentes.

Primeiro é o prefeito Eloi da Silva que caminha em meio às ruas de Santana do Mundaú destruída e faz observações sobre os danos causados pelas chuvas além de mostrar como estão suas propriedades. Na segunda reportagem, uma dupla de repórteres, ao lado do operário Cícero da Silva, segue o caminho sob os trilhos do trem onde este vai apontado todas as alterações e destruições que as chuvas causaram. Além do operário, esta reportagem mantém o foco de buscar sempre o contraste do antes e depois das chuvas com outras fontes como a visão de um garoto de nome Cláudio.

¹⁶ Entrevista feita com Caco Barcellos pelo grupo, no dia 09 de maio de 2011.



Percebe-se aí uma característica do programa: os repórteres buscaram nestas reportagens saber como os moradores estavam se sentindo na condição de desabrigados, ou seja humanizar as fontes, tentando capturar as reações e percepções destas que vivenciaram o desastre e de que forma isso influenciou em suas vidas. Essa é a maneira que o programa utiliza para apresentar aos telespectadores o teor da catástrofe e assim aproximá-los do fato.

Quando é analisado o tempo reservado às sonoras é possível perceber que o *Profissão Repórter* destina uma quantidade de tempo considerável às fontes apresentadas. Isso comprova o diferencial do programa, que dá voz às fontes permitindo que elas contem suas histórias e não confirmem apenas o que os repórteres já informaram.

Além disso, outra característica muito presente nas edições analisadas, principalmente na edição do BOPE, é o tempo destinado aos *sobe sons*, que contém, além de músicas e ruídos característicos dos ambientes, falas de oficiais do BOPE durante as aulas. Um exemplo é a frase de um oficial: “Vai ter pela primeira vez uma equipe de reportagem acompanhando o BOPE diretamente”, o que torna desnecessária a utilização de *offs* para explicar alguns assuntos. Esses *sobe sons* funcionam ao mesmo tempo como sonoras e *offs*, pois são falas de personagens que participam da reportagem e explicam pontos que normalmente estão contidos em frases de repórteres. Além disso, apresentar sonoras dessa forma é uma opção ao tradicional uso das mesmas, como confirmação do que já foi dito pelo jornalista.

Dentre os programas analisados, a edição do BOPE foi a única que apresentou um tema polêmico. Esta destinou grande parte do tempo das sonoras a denúncias, o que é raro de ser apresentado no telejornalismo e, portanto, revela mais um aspecto diferenciado do programa. Ainda nesta edição, foi possível perceber o tratamento especial dado às fontes, já que os repórteres ouviram os dois lados abordados nas reportagens, referentes ao BOPE e a comunidade, garantindo autonomia na fala dos entrevistados, representada por momentos em que falam o que querem sem interrupção dos jornalistas.

Ainda em relação à contribuição das fontes para o diferencial encontrado no programa em questão, vale ressaltar que a maioria das fontes ouvidas, segundo a classificação de Nilson Lage (2008), é independente, o que pode-se dizer que, teoricamente, o programa apresenta fontes desprovidas de interesse específico. No caso da edição que tratou do festival SWU, essa observação fica muito clara, já que 56% das fontes são caracterizadas como independentes. É importante salientar também, que pela análise que fizemos existem algumas fontes que não se enquadraram em nenhuma das classificações do Nilson Lage, enquanto que outras se enquadraram em mais de uma como ocorreu na edição do SWU, onde percebemos que algumas fontes eram personagens e independentes ao mesmo tempo.



Considerações Finais

Ao longo dessa pesquisa, por meio de revisão bibliográfica, foi possível fazer uma reflexão não só sobre o programa *Profissão Repórter*. A partir daí, foram estudados os aspectos do programa que o diferenciam dos demais produtos jornalísticos.

Destacamos, também, a importância das fontes nos gêneros jornalísticos, em especial nos televisivos. Apresentamos a classificação de fontes proposta por Nilson Lage (2008), a qual tomamos como base para o estudo das fontes do programa *Profissão Repórter*. Foram escolhidas três edições do programa para análise, onde trabalhamos com a descrição das reportagens de cada um dos programas, com o objetivo de abordar as fontes ouvidas nestes, para em seguida classificá-las e identificá-las.

Por fim, analisamos o tratamento dado a tais entrevistados no programa em relação ao tempo destinado à eles, à predominância de determinada categoria de fonte (oficial, oficiosa, independente, personagem e povo fala) e às circunstâncias em que foram ouvidas e/ou confrontadas. Desse modo, percebemos que as fontes mais ouvidas foram classificadas como independentes e personagens. Quanto a isso podemos observar que o *Profissão Repórter* mantém certa imparcialidade, já que as fontes independentes, são tidas, de acordo com a classificação de Nilson Lage (2008), como desprovidas de interesses pessoais, além disso, o programa foca em histórias de vida, uma maneira de humanizar as fontes.

Percebemos, também, que os programas escolhidos abordaram poucas fontes oficiais, que, se presentes, poderiam apresentar um panorama da real situação dos acontecimentos e de possíveis providências a serem tomadas. O programa poderia entrevistar, também, mais especialistas, para que estes apresentassem um olhar analítico, embasado em estudos e pesquisas.

Foi possível perceber que, ao contrário do que aconteceu na edição referente ao BOPE - que tratava de um tema polêmico e diferente do que é mostrado nos telejornais-, nas edições SWU e Chuvas no Nordeste -, a forma como as fontes foram apresentadas não fugiu do tradicional, até por serem dois temas também tratados, nos demais programas jornalísticos. No entanto, nestas duas edições, há uma peculiaridade: não há fontes oficiais. O prefeito de Santana do Mundaú, uma das cidades atingidas pelo fenômeno natural, é tratado como personagem, já que também perdeu a casa em decorrência das enchentes.



Constatamos também que na escolha da edição do BOPE, o programa mais uma vez inovou, uma vez que o tema abordado, geralmente, não é apresentado nesse gênero televisivo, ao menos, com a abordagem utilizada pelo *Profissão Repórter*.

Assim, concluímos que os temas tratados pelo programa influenciam no tratamento dado às fontes, sendo que os mais polêmicos ou não comumente tratados nos telejornais dão mais abertura à forma diferenciada de abordagem dos entrevistados.

Por fim, observamos que o objeto de pesquisa em questão destina uma quantidade de tempo considerável às fontes apresentadas. Isso comprova o diferencial do programa, que dá voz às fontes permitindo que elas contem suas histórias e não confirmem apenas o que os repórteres já informaram. Concluímos, também, que as fontes apresentadas por vezes, são as mesmas abordadas por outros programas telejornalísticos, o diferencial é a maneira como são apresentadas. Elas são humanizadas, contam suas histórias e têm tempo e espaço para isso.

Mesmo apresentando poucas fontes oficiais, o programa consegue apresentar todo tipo de pessoa, desde o morador da favela, ao policial que a invade; desde o telespectador que participa do festival, até os cantores.

Com o surgimento do *Profissão Repórter* e seu tratamento diferenciado dado às fontes que apresenta, é possível que os demais telejornais tomem-no como exemplo no modo de abordar os entrevistados, o que suscitará novas pesquisas acerca das fontes, tão essenciais em qualquer gênero jornalístico.

Acreditamos que este trabalho pode servir como base para outros que queiram avaliar o telejornalismo brasileiro no que tange o tratamento dado às fontes, pois o que se observa atualmente é que estas têm a função de reafirmar o que é dito pelo jornalista.

REFERÊNCIAS

ARANTES, H. S. A. e MUSSE, C. F. Profissão Repórter: os desafios da nova reportagem investigativa na TV. In: **XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom**. Caxias do Sul, RS, 2010. **Anais eletrônicos...** Caxias do Sul, RS, 2010. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/sis/2010/resumos/R5-1104-1.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2011.

BARROS, A.; DUARTE, J. (orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

BASTIAN, M. e KLEIN, E. J. da C. **A quem fala o Profissão Repórter?** – Modo de endereçamento do programa que mostra os “bastidores da notícia”. Artigo publicado no **portal Midiatização e Processos Sociais**. CNPQ/UNISINOS, São Leopoldo, RS, 2007. Disponível em: http://projeto.unisinos.br/midiaticom/conteudo/artigos/2007/artigos_externos/Artigo_EloisaKleinMarianaBastian.pdf. Acesso em: 07 abril 2011.



CARVALHO, A. [et al]. **Reportagem na TV: como fazer, como produzir, como editar**. São Paulo: Contexto, 2010.

CORTEZE, P. A. e SANTOS, M. S. O jornalismo investigativo e “O trabalho dos cortadores de cana” – Profissão Repórter. In **VI Conferência Brasileira de Mídia Cidadã**. Pato Branco, PR, 2010. **Anais eletrônicos...** Pato Branco, PR, 2010. Disponível em: [http://www.unicentro.br/redemc/2010/Artigos/O%20JORNALISMO% 20INVESTIGATIVO.pdf](http://www.unicentro.br/redemc/2010/Artigos/O%20JORNALISMO%20INVESTIGATIVO.pdf)
Acesso: 07 abril 2011.

COUTINHO, I. Telejornalismo no Brasil: um olhar sobre os reflexos do padrão americano. In: **XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Intercom**, Rio de Janeiro, 2011. **Anais eletrônicos...** Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/R0647-2.pdf> . Acesso em: 13 abril 2011.

CUTAIT, B. Programa novo, formato velho? In: **Observatório da Imprensa**, publicado em 04 julho 2006. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos.asp?Cod=388TVQ001>
Acesso em: 07 abril 2011.

KARAM, J. F. C. e SANTOS, P. Profissão Repórter: análise dos elementos jornalísticos do programa. In: **XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom**, Curitiba, PR, 2009. **Anais eletrônicos...** Curitiba, PR, 2009. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-1925-1.pdf> Acesso em: 07 abril 2011.

LAGE, N. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2008.

LAKATOS, E. M. e MARCONI, M. A. **Metodologia do trabalho científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos**. São Paulo: Atlas, 2008.

MEDINA, C. A. **Entrevista: o diálogo possível**. São Paulo: Ática, 2008.

MELO, J. M. **Jornalismo Opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro**. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

SCHMITZ, A. A. **As fontes no jornalismo** In: XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Caxias do Sul/ Rio Grande do Sul, 2010.
_____. Classificação das fontes de notícia. Covilhã (Portugal): Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação, 2011. Disponível em: <http://bocc.ubi.pt/pag/schmitz-aldo-classificacao-das-fontes-de-noticias.pdf> Consultado em: 28 fev 2011.